

# Vitalidade Urbana no entorno dos “Enclaves Fortificados” do bairro Praia das Gaivotas, Vila Velha-ES

**Fernanda Rozo Maranhão**

Universidade de Vila Velha – Brasil  
[fernandarozo@yahoo.com.br](mailto:fernandarozo@yahoo.com.br)

**Larissa Letícia Andara ramos**

Universidade de Vila Velha – Brasil  
[larissa.amos@uvv.br](mailto:larissa.amos@uvv.br)

**Iolanda Luz**

Universidade de Vila Velha – Brasil  
[iolandapluz@gmail.com](mailto:iolandapluz@gmail.com)

## ABSTRACT

*Isolated housing complexes have prevailed in new developments. Segregated from the urban context, enclosed by high and opaque walls, with little relation to the exterior, they promise a sense of security that result in an environment not inviting to the walkability and permanence of people in the streets. A reality that has been worrying leaders and researchers as such unattractive and empty spaces become vulnerable to the occurrence of antisocial actions. In the context of the Vila Velha municipality, there is a growth of this model, especially in the Praia das Gaivotas neighborhood, which aroused interest due to the transformations that occurred in recent years, with the implementation of isolated housing complexes. In this way, this research aims to point out some effects that such housing complexes cause on the urban vitality of the neighborhood. It is a research of applied nature, descriptive exploratory, qualitative approach, defined in four methodological stages and that seeks, among other aspects, to ponder the consequences of the implementation of this typology in the cut of the chosen neighborhood. It is hoped that this work will contribute to reflections on the theme, highlighting the dynamizing principles of urban vitality, aiming at a higher quality of life in urban space.*

**Keywords:** *Urban vitality, architectural morphology, isolated housing complexes.*

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Netto (2017), a sociedade contemporânea presencia uma transformação do contexto urbano. Um modelo arquitetônico e urbanístico com unidade absoluta da forma está sendo replicado em áreas urbanas. São edificações focadas em públicos específicos, funcionalmente e socialmente segregadas das demais, onde o espaço é utilizado como forma de restringir o contato com outras classes sociais.

Caldeira (2011) entende que a violência e o medo têm impulsionado os processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social. Grupos sociais, especialmente das classes mais altas, têm usado o medo da violência e do crime para justificar sua exclusão social, retirando-se dos bairros tradicionais e recolhendo-se em condomínios

residenciais isolados. Tais grupos, por se sentirem ameaçados, utilizam-se dos “enclaves fortificados”<sup>1</sup> para morar, trabalhar, divertir e consumir (CALDEIRA, 2011, p. 211). Segundo a autora, o discurso sobre o medo ajuda a reproduzir a sensação de insegurança, mas também incorpora preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas em relação aos menos favorecidos e marginalizados.

Para Lira (2014), o aumento da violência urbana nas últimas três décadas influenciou as estruturas e a morfologia urbana das principais cidades brasileiras. As classes média e alta passaram a adotar o “enclausuramento” como estilo de vida, buscando residir em condomínios excessivamente auto protegidos. O autor afirma ainda que o medo do crime impulsiona os proprietários a buscarem moradias que adotem medidas funcionais para prevenir danos a integridade, família e patrimônio, com elementos de autoproteção associados à “arquitetura do medo”, tais como: câmeras de monitoramento, muros altos, portões e cercas elétricas. Segundo o autor, a procura pela arquitetura isolada está diretamente associada ao pânico em relação à violência urbana, sentimento este que é diariamente fomentado através das mídias (noticiários na televisão, rádio e internet) e que têm como principal enfoque as notícias criminais.

O município de Vila Velha, Estado do Espírito Santo, tem sido alvo de transformações urbanas nos últimos anos, em especial no bairro Praia das Gaivotas, por implantar empreendimentos habitacionais que provocam uma ruptura na morfologia da cidade. Apesar de ser um bairro consolidado, ainda possui terrenos vazios possíveis de serem ocupados pelo mercado imobiliário e que tendem a replicar esses modelos isolados. Deste modo, o presente estudo visa compreender as relações entre a forma urbana e a vitalidade no entorno dos complexos habitacionais presentes no bairro Praia das Gaivotas, apontando efeitos que tal tipologia arquitetônica e urbanística podem causar no dinamismo das cidades.

Trata-se de uma pesquisa aplicada, exploratória e descritiva, com uma abordagem qualitativa e que tem como estudo de caso o entorno dos complexos residenciais do bairro Praia das Gaivotas, município de Vila Velha-ES, Brasil. Para a realização desse trabalho foram definidas quatro etapas metodológicas: contextualização, definição de critérios qualitativos da vitalidade urbana, levantamento físico e análise dos dados coletados. Na etapa de contextualização e definição dos critérios qualitativos foram utilizados como referenciais teóricos os autores: Caldeira (2011); Gehl (2007); Jacobs (2007); Lira (2014); Netto (2017) e Speck (2016), além do Índice de Caminhabilidade, desenvolvido pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP, 2016).

Após o levantamento dos dados, realizado em dias e horários diferentes, foram elaborados mapas no programa de georreferenciamento *ArcGIS*, que ilustram as informações coletadas. Foram também utilizados dados de violência urbana nas vias públicas do bairro fornecidos pela Gerência de Estatística e Análise Criminal (GEAC) do Espírito Santo, para quantificar e situar as ocorrências na área de estudo.

## 2. OS COMPLEXOS HABITACIONAIS ISOLADOS

Além da relação pessoal com o edifício e das escolhas que motivam sua existência e usos, a forma arquitetônica tem interferência direta com a relação na cidade. Netto (2017) classifica os edifícios em dois tipos: isolado e contínuo. Segundo o autor, os edifícios de tipo isolado desconectam-se do seu entorno por haverem uma tipologia definida pela ausência de afastamentos frontais e laterais, limites

---

<sup>1</sup> Caldeira (2011, p.21) utiliza o termo “enclaves fortificados” para explicitar os exageros das estratégias de autoproteção dos centros comerciais, conjuntos empresariais e principalmente dos condomínios residenciais.

marcados por muros ou grades que fragmentam e rompem com a continuidade do espaço urbano. Com isso, torna-se mais difícil que haja apropriação urbana do pedestre, o que acaba gerando maior dependência veicular e menos pedestres caminhando pelas vias. Já os edifícios de tipo contínuo reduzem os afastamentos laterais, a fim de aproximar as fachadas e reduzir áreas ociosas. Esse tipo de edifício tende a criar formas capazes de aumentar o acesso às pessoas e contribuir para maior diversidade de usos que deve ser uniformemente distribuída na região (NETTO, 2017).

Netto (2017) também associa a segregação social, ocasionada pelos edifícios isolados, como vontade de se manter próximo a pessoas socialmente semelhantes, medo da violência, necessidade do *status* ou, até mesmo, por preconceito de raça e de classe. Dessa forma, o autor destaca que a sociedade tem se configurado, cada vez mais, em espaços segregados socialmente com tipologias arquitetônicas que buscam conforto e segurança mas acabam tendo efeito contrário; não contribuindo para a integração entre o ambiente interno e a vida pública, além de promoverem o esvaziamento das calçadas e, conseqüentemente, um ambiente propício a incidência de crimes violentos.

O termo “enclaves fortificados” é utilizado por Caldeira (2011) para denominar as arquiteturas que rompem com o espaço público e que são fisicamente marcadas por muros opacos ou grades. Podendo ser de uso privado e, muitas vezes, coletivo. Esses empreendimentos, impulsionados pelo mercado imobiliário, vendem, quase sempre, a “sensação de segurança”, mas sua existência na cidade tende a contribuir com o aumento da violência nas áreas públicas. Ainda segundo Caldeira (2011), está surgindo um novo modelo de segregação socioespacial, caracterizado como “separado por muros”, formando uma cidade mais dispersa, fragmentada e segregada socialmente. Além de serem distantes, segregados e contarem com uma ideia de segurança baseada no isolamento e monitoramento, supõe-se que os condomínios fechados sejam um universo a parte para os moradores (CALDEIRA, 2011).

Dessa forma, é preciso oferecer áreas de lazer que se assemelham a sofisticados clubes, excluindo o uso de áreas públicas ao redor. Essas arquiteturas são voltadas para o interior e não em direção à rua, por isso dialogam pouco com o espaço público. Sendo assim, perde-se a ideia de fachada ativa, vitalidade urbana e caminhabilidade na cidade, por desvalorizarem o que é público e aberto para supervalorizar o que está dentro do empreendimento.

Gehl (2007, p. 99) afirma que se a vida na cidade for potencializada de modo que as pessoas passem mais tempo caminhando e permanecendo nos espaços comuns haverá também um aumento da segurança, na medida que a presença dos “outros” aumentará a vigilância estimulada pelos “olhos para ruas” e “olhos sobre as ruas”. O autor ainda ressalta que o projeto do térreo das edificações tem um impacto sobre a vitalidade nas cidades. Os terraços são considerados a parte frontal dos edifícios que é visualizada quando as pessoas caminham. Se os terraços ou as fachadas das edificações forem abertas e ativas, ou seja, com muitos acessos, ampla variedade de funções, sem nenhuma unidade cega, bons detalhes e material, estas serão cercadas de atividade humanas e ocupadas por usuários em até sete vezes mais que em fachadas fechadas, monótonas, opacas ou inativas (GEHL, 2007).

Jacobs (2007) e Speck (2016) também afirmam que a vitalidade urbana e a caminhabilidade dependem de diversos fatores, dentre eles, mesclar os usos de forma a reestabelecer um equilíbrio adequado entre as atividades. Speck (2016) relata que há condições para criar uma caminhada interessante pela cidade, como: harmonia dos espaços, diferenças de fachadas e atrativos visuais. Fachadas mais abertas, com comércio próspero, possibilitam ter sempre algo novo para ser visto e

quebram com a monotonia do percurso.

Sendo assim, com base nos autores Gehl (2014), Jacobs (2007), Speck (2016) e na classificação do Índice de Caminhabilidade (ITDP Brasil, 2016), no âmbito deste trabalho, foram identificados 18 (dezoito) parâmetros que contribuem para vitalidade urbana, agrupados em 3 (três) temas (morfologia urbana, conforto e segurança) distribuídos em 8 (oito) indicadores, organizados conforme ilustrado na **Tabela 1**, a seguir.

**Tabela 1:** Dados qualitativos selecionados para análise.

TEMA	INDICADOR	PARÂMETROS
MORFOLOGIA ARQUITETÔNICA	PERMEABILIDADE DE FACHADAS	Ativa
		Permeável
		Opaca
	USO DO SOLO	Comércio e serviço
		Institucional
		Residencial
Uso misto		
GABARITO	Vazio	
	Número de pavimentos	
CONFORTO	CALÇADA	Piso adequado
		Piso inadequado
		Faixa livre menor que 1,5m
	TRANSPORTE ALTERNATIVO	Pontos de ônibus
		Ciclovias
SOMBRA E ABRIGO	Arborização	
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	Localização dos postes
	INCIDÊNCIA DE CRIMES	Localização
		Tipologia

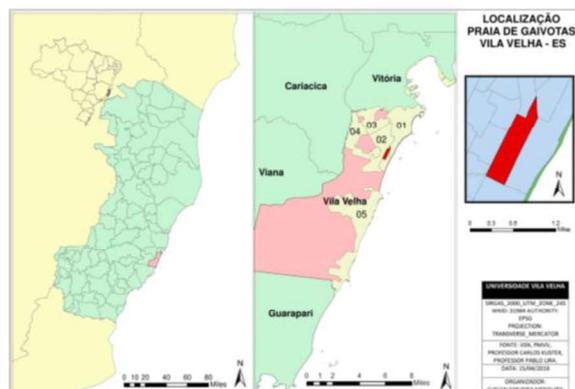
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2018.

### 3. OS COMPLEXOS HABITACIONAIS DO BAIRRO PRAIA DAS GAIVOTAS

#### 3.1 Caracterização urbana do bairro

O bairro Praia das Gaivotas (localização ilustrada na **Figura 01**), município de Vila Velha-ES foi fundado no dia 01 de setembro de 1990, através da parceria de uma cooperativa de trabalhadores, a Coopgranvit, e o Instituto de Orientação as Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo (INOCOOP/ES), sendo a Caixa Econômica Federal, a gestora dos recursos e dos contratos de financiamento.

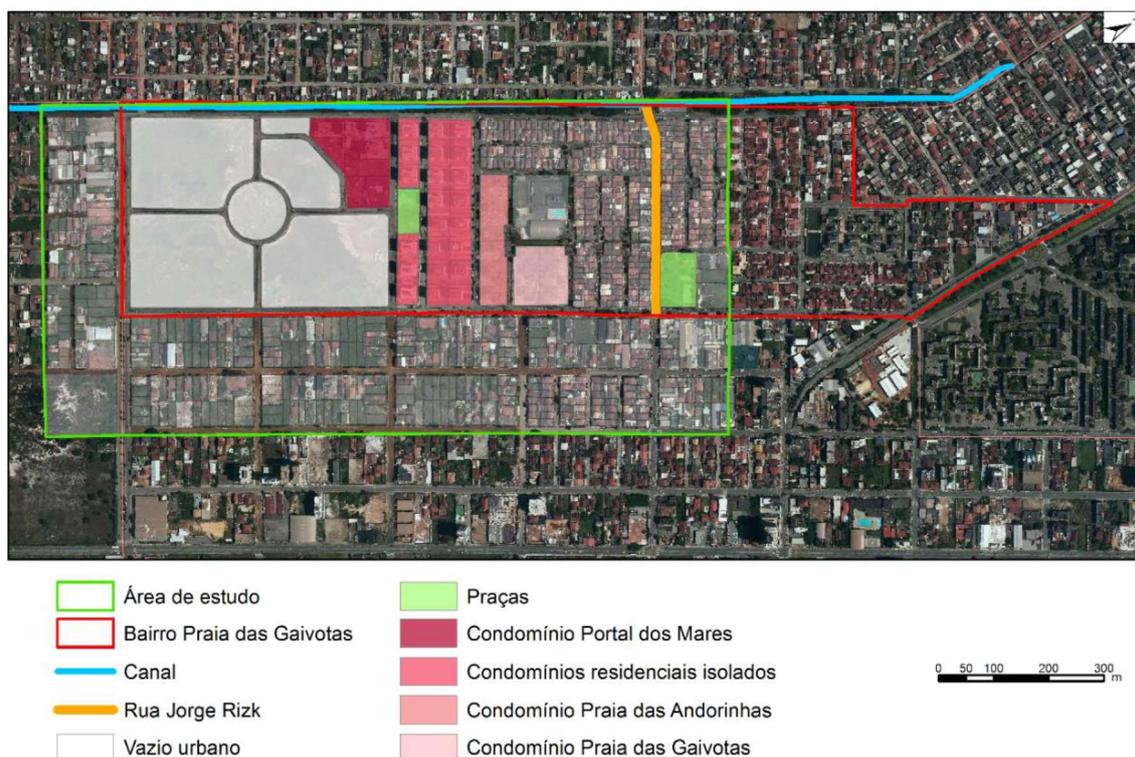
**Figura 1:** Mapa da localização do bairro Praia das Gaivotas.



Fonte: Elaborado pela equipe do Grupo de Pesquisa Paisagem Urbana e Inclusão, 2018.

O bairro foi inaugurado com um número inicial de 570 casas, havendo três tipos de unidades habitacionais: casas 02 quartos geminadas, casas 02 quartos isoladas e casas de 03 quartos isoladas, com metragem média de 66,00 m<sup>2</sup> (A TRIBUNA, 2007). Nas últimas décadas, além das habitações unifamiliares de até 2 pavimentos, muitos complexos habitacionais isolados foram implantados na região, tais como o “Conjunto Residencial Praia das Andorinhas I e II”, o “Condomínio Praia das Gaivotas I e II” e o “Condomínio Portal do Mares”, este último com a primeira etapa concluída em 2012, evidenciados na **Figura 02**.

**Figura 2:** Mapa de análise do Bairro Praia de Gaivotas.



**Fonte:** Base cartográfica fornecida pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Sirgas 2000 UTM Zona 24S. Projeção Transverse Mercator. Elaborado pelas autoras, 2018.

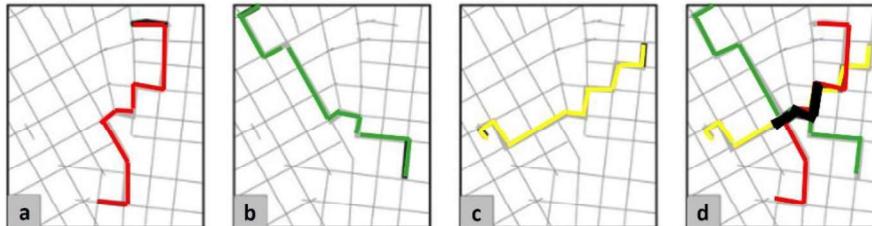
O limite da área de estudo representado na **Figura 2** (destacado pela linha verde) considerou como ponto central os novos condomínios que vem sendo construídos na região próxima aos grandes vazios existentes (Condomínio Portal dos Mares). A partir daí, foram considerados, aproximadamente, 600m longitudinalmente para cada lado e 400m transversalmente, distância facilmente percorrida a pé. Essa marcação extrapolou os limites do bairro (marcado na Figura 2 pela linha vermelha) pois se entende que esta é a área de maior influência dos complexos habitacionais. Ao Norte, o limite estende-se até a praça do bairro e área comercial (concentrada nos arredores da Rua Jorge Rizk - destacada pela linha laranja); ao Sul até o início do bairro Jockey, à Leste, a Praia de Itaparica e à Oeste não foi necessário expandir os limites da análise pois a presença do canal de Guaranhuns (destacado pela linha azul), foi considerada uma barreira física para os pedestres.

### 3.2 Análise da morfologia urbana dos complexos habitacionais do bairro Praia das Gaivotas

De acordo com Jacobs (2007) as quadras curtas são um dos elementos geradores de diversidade urbana. Essa configuração suscita alternativas de percursos e possibilita que os fluxos se distribuam por

ruas que, se os quarteirões fossem maiores, permaneceriam desertas. Saboya (2017) também corrobora que as quadras longas dificultam o acesso de pedestres a vias vizinhas, deixando poucas ruas movimentadas e outras vazias, mesmo aquelas próximas. O autor também defende as quadras curtas pela possibilidade de permitirem acesso a várias direções e ampla possibilidade no movimento de passagem, dentro de limites razoáveis de distância, conforme representado na **Figura 3**.

**Figura 3:** Ilustração representando a importância das quadras curtas e a ampla possibilidade no movimento de passagem e geração de percursos diferentes.



**Fonte:** Saboya (2017), adaptado pelas autoras.

Entretanto, no bairro Praia de Gaivotas, é possível observar (**Figura 4**) que as quadras da área em estudo são geométricas e com tamanhos variados. A porção territorial mais recente do bairro, onde foram implantados os complexos habitacionais, possui quadras de grande extensão, algumas delas com comprimento superior a 200 metros, dimensão superior ao exigido pelo Plano Diretor Municipal (VILA VELHA, 2017), não condizendo com o que defende Jacobs (2007) e Saboya (2017).

**Figura 4:** Mapa indicador de gabarito e tipologia das fachadas.



**Fonte:** Base cartográfica fornecida pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Sirgas 2000 UTM Zona 24S. Projeção Transverse Mercator. Elaborado pelas autoras, 2018.

A **Figura 4** ilustra ainda as características morfológicas do bairro em estudo, englobando indicadores da permeabilidade das fachadas e gabarito. O indicador “Permeabilidade de Fachadas” está fortemente relacionado a atração que as fachadas proporcionam à caminhabilidade e permanência no local. Foram considerados, no âmbito desta pesquisa os parâmetros “Fachadas Ativas”, “Fachadas Permeáveis” e “Fachadas Opacas”, considerados por Gehl (2007).

As Fachadas Ativas são aquelas que possuem muitas possibilidades de acesso livre do pedestre (10

a 15 portas a cada 100 metros), caracterizadas por comércios e serviços voltados para rua e que proporcionam diversidade de atividades e funções. As Fachadas Permeáveis são caracterizadas por uma extensão da face da edificação que permite contato visual externo com as atividades internas do edifício, visual ou física, seja por meio de vidros ou grades. As Fachadas Opacas são aquelas sem nenhuma variação visível de função, unidades passivas ou cegas onde há presença de muros opacos que inibem a conexão visual e física com o interior da edificação.

Sendo assim, através dos dados coletados, sistematizados na **Figura 4**, percebe-se a predominância de fachadas inativas na área ocupada pelos novos empreendimentos verticais multifamiliares. Além disso, há uma forte relação entre o número elevado de pavimentos e a presença das fachadas muradas, contribuindo para caracterizar o isolamento dos complexos habitacionais presentes no bairro e consequentemente a insegurança no entorno da área em estudo, que conforme afirma Gehl (2007) não é estimulada pela cidade a nível dos olhos.

Jacobs (2007) e Speck (2016) estabelecem que deve haver uma mistura de usos em uma mesma região, de forma a contribuir para a vitalidade urbana daquele lugar. Estabelecimentos comerciais variados permitem a circulação de pessoas e a presença de pessoas atrai outras pessoas. Sendo assim, uma rua viva tem usuários e espectadores. Além disso, os comerciantes e lojistas contribuem para vigilância natural trazendo uma sensação maior de segurança para o local, devido a conexão de seus estabelecimentos com o ambiente urbano.

Ainda considerando o tema da Morfologia Arquitetônica e Urbana, com base nos efeitos que os diferentes usos do solo podem gerar numa região, foram identificados e ilustrados na **Figura 5**, os seguintes usos: a) comércios e serviços; b) institucionais: igrejas, escolas, posto policial; c) residenciais: unifamiliar e multifamiliar; e também d) uso misto: térreo comercial associado a moradias.

**Figura 5:** Mapa de uso do solo, tipologia de fachadas e arborização.



**Fonte:** Base cartográfica fornecida pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Sirgas 2000 UTM Zona 24S. Projeção Transverse Mercator. Elaborado pelas autoras, 2018.

Na **Figura 5**, observa-se a presença de comércios e edificações de uso misto com fachadas ativas (principalmente na área ocupada pelas residências de baixo gabarito) e uma maior concentração de fachadas inativas e impermeáveis nas áreas ocupadas pelos complexos habitacionais, de maior gabarito.

Fato este que destaca a relação existente entre os tipos de fachadas e o uso do solo no bairro.

Em relação ao tema Conforto foram considerados as condições físicas do percurso em relação aos deslocamentos a pé, acesso a transportes alternativos e arborização das vias, esta última ilustrada na **Figura 5**. É notável a intensa arborização das vias nas áreas residenciais com lotes menores, enquanto no entorno dos complexos habitacionais, o número de árvores é inferior. Ressalta-se que nas proximidades do “Condomínio Portal do Mares” (de gabarito superior) e nos vazios urbanos há uma redução significativa da arborização.

As boas condições de calçadas são fundamentais para que haja uma circulação segura e universal. Dessa forma, esse indicador está relacionado com a infraestrutura e condições físicas do passeio público. Com base na classificação do Índice de Caminhabilidade (ITDP, 2016), foram analisados, nas calçadas, os parâmetros “Piso Adequado” e “Piso Inadequado”, estes ilustrados na **Figura 6** com linhas verde e vermelho, respectivamente. O parâmetro “Piso adequado” considera o trecho de calçada pavimentado com piso sem buracos ou desníveis. O “Piso Inadequado” leva em consideração o trecho de calçada com pavimentação trepidante, possuindo buracos ou desníveis. Considerando a NBR 9050/2015, também foram identificadas as faixas de circulação com largura livre inferior a 1,5m que apresentassem obstáculos permanentes ou temporários, estes evidenciados pelos pontos brancos na **Figura 6**.

**Figura 6:** Mapa indicando as condições das calçadas do trecho analisado.



**Fonte:** Base cartográfica fornecida pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Sirgas 2000 UTM Zona 24S. Projeção Transverse Mercator. Elaborado pelas autoras, 2018.

Percebe-se que em quase toda a área analisada, a faixa livre de 1,5m não é respeitada; e há uma presença considerável de calçadas irregulares, com pisos inadequados ou inexistentes. Observa-se ainda uma concentração de pavimentações inadequadas nas calçadas da área comercial, fator preocupante devido a intensa movimentação de pessoas na região.

A presença dos edifícios isolados tem proporcionado cada vez mais calçadas com pisos adequados para o bairro, fato que tende a proporcionar uma boa caminhabilidade pelo local. No entanto, no entorno dos complexos habitacionais, a boa condição das calçadas não está associada à atratividade e permeabilidade das fachadas, tendo em vista que os perímetros desses complexos isolados são predominantemente murados e opacos. Além disso, os vazios urbanos não apresentam calçadas, o que

diminui a caminhabilidade e consequentemente a segurança do local.

Em relação à segurança pública no local, os dados coletados *in loco* e apresentados na **Figura 7** foram combinados com três indicadores distintos: uso do solo, características das fachadas e tipos de crimes registrados nas vias públicas no período de janeiro de 2016 a outubro de 2017. Este último fornecido pela Gerência de Estatística e Análise Criminal (GEAC) do Espírito Santo.

Assim, pode-se perceber que os crimes mais perigosos (tentativa de homicídio, representados por pontos vermelhos e uso de arma de fogo, representado por pontos magentas na **Figura 7**), foram registrados próximos às grandes extensões de muros altos e opacos dos complexos habitacionais e das grandes extensões de vazios urbanos, onde é menor a possibilidade de “ver e ser visto”, apontada por Jacobs (2007) e a cidade a nível dos olhos assinalada por Gehl (2007).

**Figura 7:** Mapa indicando o uso do solo, tipologia de fachadas e registro dos crimes em vias públicas.



**Fonte:** Base cartográfica fornecida pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Sirgas 2000 UTM Zona 24S. Projeção Transverse Mercator. Elaborado pelas autoras, 2018.

Observa-se também um considerável número de furtos (representados na **Figura 7** por pontos brancos) nas vias públicas adjacentes aos complexos habitacionais presentes no bairro, fato este que pode ser associado a presença de fachadas inativas e do uso exclusivamente residencial, o que tende a gerar ruas desertas. É evidente uma concentração maior de furtos em proximidades da área comercial do bairro, tendo em vista o grande fluxo de pessoas e também ao fato do comércio local registrar, com maior frequência, os crimes ocorridos na região.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura constrói um sistema que transcende a habitação, o edifício propriamente dito. As edificações fazem parte de um sistema urbano. Os complexos habitacionais isolados, objetos de estudo deste trabalho, não se relacionam apenas com as pessoas que vivem nele, mas também com o bairro e a cidade.

Após a compreensão dos efeitos que esta morfologia pode gerar na escala urbana, destaca-se que as habitações também precisam apresentar permeabilidade nas fachadas e diversidade nos seus usos, contribuindo para vivência da cidade, assim como definem Gehl (2007), Jacobs (2007) e Speck (2016),

a fim de torná-la mais convidativa, agradável e segura. Observa-se ainda que os indicadores apontados neste trabalho, que relacionam conforto, morfologia urbana, acessibilidade e segurança só irão de fato contribuir para vivência urbana se estiverem associados. Apenas a presença de um destes aspectos não garante a vitalidade e o dinamismo nas cidades.

Enquanto o poder público municipal, os consumidores e produtores dos “enclaves fortificados” não se conscientizarem dos efeitos e consequências da proliferação dessas tipologias habitacionais, essas edificações seguirão causando impactos negativos no cotidiano urbano, que são incorporados indiretamente, seja na dependência do veículo ou nas ruas sem atratividade e segurança.

Espera-se também que este tipo de pesquisa possa despertar um novo olhar para o zoneamento urbano das cidades impedindo que complexos residenciais isolados como os evidenciados neste trabalho não venham a ser reproduzidos causando impactos negativos na qualidade de vida urbana, em especial no que tange a segurança, acessibilidade, permeabilidade, integração e convívio.

### REFERÊNCIAS

A TRIBUNA. **Praia das Gaivotas surgiu de conjunto**. Vitória, ES, 25/04/2007, p.11, c.1-3.IJSN. Disponível em < <http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/340850>>. Acesso em 20 Jun 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 2004. Rio de Janeiro, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 3. ed. São Paulo, SP: EDUSP: Ed. 34, 2011.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2014.

ITDP Brasil. Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento. **Índice de Caminhabilidade**. 2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

LIRA, P. S. **Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas**. Vitória: GSA, 2014.

NETTO, V. **Efeitos da Arquitetura**. Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil. In: A cidade como resultado: consequências das escolhas arquitetônicas. p. 25-49. Brasília: FRBH, 2017.

SABOYA, Renato T. de. **"Fatores morfológicos da vitalidade urbana – Parte 1: Densidade de usos e pessoas / Renato T. de Saboya"** 18 Nov 2016. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya>>. Acesso em 11 Maio 2017.

SABOYA Renato T. de. **"Fatores morfológicos da Vitalidade Urbana – Parte 2: Acessibilidade / Renato T. de Saboya"** 14 Fev 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/805277/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-2-acessibilidade-renato-t-de-saboya>>. Acesso em 11 Maio 2017.

SPECK, J. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

VILA VELHA. Lei nº 4.575, de 26 de novembro de 2007. **Institui o plano diretor municipal (PDM) e da outras providências**. Prefeitura Municipal de Vila Velha-ES, 2007. Disponível em <<http://www.vilavelha.es.gov.br/legislacao/Arquivo/Documents/legislacao/html/L45752007.html>>. Acesso em 27 Jul 2018.